



O CAS já tentou atender a mais de 5 mil



O problema não preocupa as autoridades

Mendicância profissional tem até caderneta de poupança

Texto de José Maria Batista
Fotos de José A. Magnago

A mendicância em Vitória atingiu níveis de profissionalização tão altos que até contas em cadernetas de poupança são abertas pelos pedintes. As autoridades têm conhecimento do assunto e não podem ou não querem fazer nada, exceto apreender o dinheiro em poder dos mendigos e dar-lhes destinação ignorada, como o caso dos Cr\$ 20 mil que estavam em poder de Horácio Silva, um dos "profissionais", preso pela polícia.

Com mais de 20 entradas no Centro de Ajustamento Social, em Carapina, Horácio e sua irmã, Lúcia, são catalogados lá como profissionais da mendicância. Não querem se curar da doença que atingiu a ambos — mal de Parkinson — e sempre que recolhidos, quando estão melhorando resolvem fugir. Eles e mais três — Belmiro Louzada, Ananias Rodrigues e Manoel Felipe dos Santos, todos com mais de 13 entradas no centro — estão fixados lá como profissionais.

Mas não são somente eles. Pelo menos 5.170 pessoas sem condições de ir

seguinte, bem alimentado, veste os trajes imundos e volta das ruas.

Na há lugar para todas as pessoas que estão sem moradia e perambulam pelas ruas da cidade. E outros nem querem ficar lá. Fogem assim que são alimentados. Uma viatura do centro sai três vezes por semana, em dias alternados, à cata de mendigos. As vezes nada consegue. Dois fatores impedem o recolhimento: geralmente, tanto mulheres como homens se cercam de crianças que ficam no colo ou em volta deles. Os vigilantes do centro ficam sem ação, pois só podem recolher adultos. As crianças teriam que ser levadas para a Fesbem, através do Juizado de Menores que, nem sempre, alia a sua ação à da Secretaria de Bem Estar Social, à qual o CAS é ligado.

Sem poder recolher as crianças e sem condições de deixá-las abandonadas, nas ruas, eles acabam voltando de mãos vazias para Carapina. As crianças, bem treinadas e exercitando-se no mister da mendicância, gritam, choram, fazem escândalo: "Estão levando minha mãe", estão levando meu pai", "é meu irmão, só tenho ele".

mesmo assim, nestes números faltam computar o 2º trimestre de 1980, quando o programa de atendimento social do Governo do Estado, ameaçado de paralisar desde o início do governo Eurico Rezende, realmente parou, para ser reativado somente no final do ano. E eles não se referem também ao imenso contingente que chega através da Estrada de Ferro Vitória-Minas e que é incontrolável.

A expressão é de próprios técnicos da Secretaria do Bem-Estar Social. Eles reconhecem que não há condições de controlar o "baixa renda", que chega de trem, cansado e massacrado por oito, dez ou doze horas em um banco de madeira, sem comer a maior parte do tempo e que cansado não quer "responder perguntas". Tanto que o posto do Programa de Atendimento de Migrantes, que funcionava lá, foi fechado. Na semana passada, a Secretaria de Planejamento, que também está executando uma parte desse mesmo programa, anunciava que iria iniciar um levantamento dos migrantes que chegam por via férrea.

Mas não são somente eles. Pelo menos 5.179 pessoas sem condições de vida, senão através de mendicância, já passaram pelo CAS desde a sua criação em 21 de janeiro de 1975. No momento, o centro mantém internados 30 homens e 15 mulheres, num total de 45. Cinco a mais que a capacidade do local, previsto para receber 40 pessoas. O diretor do órgão, Maurício de Araújo, reconhece que existem pessoas em Vitória vivendo da exploração da boa-fé da população, mas pouco pode fazer. Casos como os de Horácio e Lúcia são comuns nas ruas da cidade. Os dois mendigam desde cedo, e fazem questão de deixar bem expostas as suas feridas na tentativa de sensibilizar os transeuntes. Horácio atualmente está fazendo ponto em Guarapari, conforme informações colhidas no CAS, enquanto sua irmã opera nas imediações do Parque Moscoso. Ambos são ainda jovens.

Existem casos considerados como irrecuperáveis, como os de Belmiro Louzada e Ananias Rodrigues. O primeiro, aposentado pelo Funrural, faz ponto nas imediações da Faculdade de Farmácia e Bioquímica, tem várias feridas e já esteve 13 vezes no Centro de Carapina. Quando começa a melhorar não espera alta, foge. A Secretária de Bem-Estar Social já arranjou-lhe um emprego, que ele abandonou para voltar ao seu ponto na Farfabes. Ele divide o local com Ananias Rodrigues, com várias entradas no centro e que também mostra as pernas inchadas ao passante.

Quando coincide de ser recolhido, ele foge do centro, recusando o tratamento para evitar que as pernas voltem ao normal, o que, certamente, impediria que continuasse esmolando. Tem também um problema no joelho que não deixa, sequer, ser tratado. Finalmente, há Manoel Felipe dos Santos, tido como débil mental e que não tem ponto fixo na cidade. Fica na escadaria do Palácio Anchieta ou na Maria Ortiz, às vezes no Parque Moscoso ou Vila Rubim. Já esteve internado no A-dauto Botelho, mas de nada adiantou.

No Centro de Ajustamento existem cerca de 14 mil registros de pessoas recolhidas nas ruas de Vitória, ou encaminhadas através de outras entidades para lá, e correspondente às 5.179 pessoas carentes que ali passaram, a maioria em busca de alimentação. Ocorre às vezes do mendigo perambular pela cidade o dia inteiro e, à noite, dirigir-se ao centro onde recebe uma boa refeição e cama. No dia

do meu pai", "é meu irmão, só tenho ele". Outros mendigos, mais experientes e devido a várias entradas no CAS, já conhecem os vigilantes e abandonam os "pontos" quando a Kombi, reconhecida, se aproxima.

Algumas vezes eles não podem ser recolhidos por falta de local onde permanecerem, pois o centro pode estar lotado, como acontece agora. Isso porque Vitória vem recebendo, somente através da rodoviária da Ilha do Príncipe, de 300 a 330 pessoas diariamente. Todas elas candidatas a miseráveis. Sem empregos, qualificação, documentos, necessitando, na maioria dos casos, de atestados para conseguir uma aposentadoria pelo Funrural ou Inamps, são fichadas pelo Programa de Atendimento e Promoção de Populações Migrantes de Baixa Renda, e nem todas conseguem emprego.

Do interior, do norte de Minas e Sul da Bahia, sempre fugindo da miséria, elas acabam caindo em uma miséria maior: a vida no centro urbano, onde há a promessa de um eldorado traduzido pela suposta facilidade de empregos que a implantação de uma usina siderúrgica traria. Pelo menos 28 mil pessoas — dados fornecidos pela própria Companhia Siderúrgica de Tubarão, estão inscritas no Departamento de Recursos Humanos da CST à procura de um trabalho. A empresa já empregou 1.500 candidatos, outros 15 mil indiretamente através das 32 empreiteiras que operam em seu canteiro de obras. Mesmo assim ainda sobram 28 mil. Até as inscrições foram suspensas, e mesmo assim mensalmente aumenta o cabedal de desempregados que chegam à cidade.

E o Programa da Sebs não registra quem tem profissão definida ou chances de empregos. São os chamados de "baixa renda" com poucas chances de empregos e que acabam se transformando nos camelôs da Praça Oito, ou nos aprendizes de artesão que circulam pela cidade e que tentam evitar os dois últimos estágios da degradação: o roubo ou a mendicância. No mês de julho, 390 migrantes chegaram à cidade, sendo 16 menores, que recebem 1.014 atendimentos da Sebs. Outros 223 "carentes" — nome utilizado para classificar os miseráveis abandonados pela sorte — estão fixos em Vitória.

Nos últimos três anos foram catalogados 12.747 "baixas-rendas" (outro apelido da miséria) em Vitória. Deles, 6.407 chegaram pela estação rodoviária. E

E isso certamente irá contribuir para mostrar índices assustadores, se bem que mais perto da realidade, pois, mais barato, o transporte ferroviário serve de escoamento do fluxo maior de migrantes. A Sebs admite também que não há nem mesmo fórmula para acompanhar o que acontece com os "migrantes baixa renda" e "carentes" que estão registrados em seus arquivos. O único dado que ela possui é que desses 12.747, cerca de 2.169 retornaram, tão sem dinheiro como chegaram, pois necessitaram de ganhar a passagem de volta. Em 1979 chegaram a Vitória 3.216 baixas rendas, e outros 3.476 já estavam na cidade. Dos que chegaram, 698 voltaram e dos que aqui se encontravam 676 abandonaram a cidade.

De 1980 não há dados sobre quantos deixaram a cidade, mas foram registrados 1.759 migrantes e 1.778 baixas rendas que provocaram 3.615 atendimentos por parte da Sebs, que naquele ano esteve com o seu programa praticamente desativado, por falta de verbas do Ministério do Interior e com os postos fechados durante pelo menos três meses: maio, junho e julho. No ano de 1981, com a reativação do programa a partir de fevereiro, os indicadores voltaram a subir. Assim, nos últimos três meses foi registrada uma média de 400 pessoas/mês demandando à Grande Vitória a procura de empregado abandonando a miséria da terra onde viviam, geralmente o norte do Estado e/ou Estados vizinhos.

São atraídos, conforme explicou um dos técnicos da Sebs, até mesmo pelos anúncios de jornais oferecendo empregos para "ajudantes", "serventes", "auxiliares", com "condução própria", alojamento, alimentação a preço acessível e excelente salário". Vão diretamente para as empreiteiras do canteiro de obras da Siderúrgica de Tubarão, onde descobrem que a realidade é diferente. Não existe trabalho para todos. Sem dinheiro, são obrigados a aceitar qualquer coisa, como abrigar-se no Centro de Ajustamento Social. Mais de cinco mil passaram por lá. Ou optaram pela última saída: as mãos estendidas para os passantes nas ruas centrais da cidade. Quadro que, apesar do inverno, assemelha-se aos dias de verão no Estado, quando mendigos de todo o país aparecem para recolher a sua cota dos turistas.